

# Histórias afloradas: questionamentos sobre as coleções domésticas de artefatos arqueológicos da Amazônia.

**Store touched: question about domestic collections of archeological artifacts from the Amazon.**

**Titre Relatif à la conservation: questionner les collections locales/privées d'artéfacts archéologiques amazoniens.**



**Helen Suany Monteiro Miranda**

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, Pará, Brasil

helensuanymiranda@gmail.com



**Dâmaris Pereira Nogueira**

Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

damnogueira96@gmail.com



**Helena Pinto Lima**

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, Pará, Brasil

helenalima@museu-goeldi.br

**Resumo:** Os afloramentos de materiais arqueológicos na Amazônia oferecem vestígios valiosos para a reconstrução da história dos primeiros povos na região, e as coleções domésticas oriundas desses locais são uma realidade muito comum. O artigo explora a prática do colecionamento de cerâmicas arqueológicas na Amazônia, a partir da trajetória de uma coleção doméstica desde seu local de origem, no município de Terra Santa, Oeste do Pará, até o Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém. Além disso, argumenta que o colecionamento é uma forma de usufruir do patrimônio arqueológico, ressaltando que guardar e montar pequenas coleções são atos de proteção e atribuição de valores afetivos. Por fim, enfatiza a importância das coleções plurais, como a Coleção

Ruth Neia, para os estudos arqueológicos, reconhecendo seu valor científico e destacando sua relevância nas regiões de pesquisas de cerâmica Pocó e Konduri.

**Palavras-chave:** Coleção doméstica. Coleções plurais. Arqueologia Amazônica. Colecionamento. Afeto.

**Abstract:** The outcroppings of archaeological materials in the Amazon offer valuable evidence for the reconstruction of the history of the first peoples in the region, and domestic collections from these sites are a very common reality. The article explores the practice of collecting archaeological ceramics in the Amazon, based on the journey of a domestic collection from its place of origin, in the municipality of Terra Santa, Western Pará, to the Museu Paraense Emílio Goeldi in Belém. Furthermore, it argues that collecting is a way of enjoying archaeological heritage, highlighting that keeping and assembling small collections are acts of protection and the attribution of emotional value. Finally, it emphasizes the importance of plural collections, such as the Ruth Neia Collection, for archaeological studies, recognizing their scientific value and highlighting their relevance in research regions of Pocó and Konduri ceramics.

**Resumen:** Los afloramientos de materiales arqueológicos en la Amazonía ofrecen vestigios valiosos para la reconstrucción de la historia de los primeros pueblos en la región, y las colecciones domésticas provenientes de estos sitios son una realidad muy común. El artículo explora la práctica de la recolección de cerámicas arqueológicas en la Amazonía, a partir del recorrido de una colección doméstica desde su lugar de origen, en el municipio de Terra Santa, oeste de Pará, hasta el Museo Paraense Emílio Goeldi en Belém. Además, argumenta que la recolección es una forma de disfrutar del

patrimonio arqueológico, destacando que conservar y ensamblar pequeñas colecciones son actos de protección y atribución de valores afectivos. Finalmente, enfatiza la importancia de las colecciones plurales, como la Colección Ruth Neia, para los estudios arqueológicos, reconociendo su valor científico y subrayando su relevancia en las regiones de investigación de la cerámica Pocó y Konduri.

**Palabras clave:** Colección Doméstica. Colecciones Plurales, Arqueología Amazónica. Coleccionismo. Afecto.

**Résumé:** Les affleurements de matériaux archéologiques en Amazonie offrent des vestiges précieux pour la reconstruction de l'histoire des premiers peuples de la région, et les collections domestiques issues de ces sites sont une réalité très courante. L'article explore la pratique de la collection de céramiques archéologiques en Amazonie, à partir du parcours d'une collection domestique depuis son lieu d'origine, dans la municipalité de Terra Santa, à l'ouest du Pará, jusqu'au Musée Paraense Emílio Goeldi à Belém. En outre, il soutient que la collection est une manière de profiter du patrimoine archéologique, en soulignant que conserver et assembler de petites collections sont des actes de protection et d'attribution de valeurs affectives. Enfin, il met en avant l'importance des collections plurielles, telles que la Collection Ruth Neia, pour les études archéologiques, en reconnaissant leur valeur scientifique et en soulignant leur pertinence dans les régions de recherche sur la céramique Pocó et Konduri.

**Mots-clés:** Collection locale. Collection privée. Archéologie Amazonienne. Collecter. Affection.

*Recebido em 20 de fevereiro de 2024.*

*Aceito em 30 de outubro de 2024.*

## Introdução

O presente artigo trata de uma 'coleção doméstica' - ou uma coleção plural (Bezerra, 2011) - que fez seu percurso desde a residência da Ruth Neia Bentes no município de Terra Santa, Oeste do Pará, até o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) em Belém-PA. Muitos objetos cerâmicos foram coletados por ela ao longo de cinco anos, enquanto esteve morando na Ilha dos Paes, localizada na comunidade Piraruaca no município de Terra Santa. Em 2021 ela enviou sua coleção para Belém, que foi recebida pelo Museu Goeldi com consentimento da curadoria da coleção arqueológica e atualmente está incorporada ao acervo arqueológico da instituição, salvaguardado na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões (RTMFS), e leva o nome de Coleção Ruth Neia.

As evidências de materiais arqueológicos na Amazônia oferecem vestígios para novas leituras sobre a história dos primeiros povos que se estabeleceram na região (Souza; Bianchezzi, 2018). Os sítios arqueológicos na Amazônia são testemunhos da diversidade sociocultural e revisitam as particularidades da pluralidade de cultura material. O estreitamento "entre as pessoas e as coisas do passado são reveladas na literatura [...]" (Bezerra, 2018 p. 86) e favorecem para a prática de colecionamento na Amazônia, ainda que de maneira tímida, vem sendo debatido em vários contextos por pesquisadores, e assim criando um campo e corpus de conhecimento para a arqueologia.

Refletindo sobre isso, este artigo discute a prática do colecionamento de cerâmicas arqueológicas na Amazônia, que é uma atividade muito comum nas comunidades próximas de sítios arqueológicos, cujos artefatos aflorados a cada chuva são meticulosamente coletados, classificados e armazenados pelos próprios moradores. A cada chuva esses fragmentos que

emergem - ou afloram - das férteis terras escuras de origem humana, também conhecidas como Terra Preta (TP); Terra preta de Índio (TPI) ou Terra Preta Arqueológica (TPA)<sup>1</sup> e trazem consigo uma enorme diversidade. São legados e registros deixados por populações indígenas antigas que ocupavam a Amazônia e na contemporaneidade são vestígios de relação entre as pessoas e as coisas do passado (Bezerra, 2018).

As discussões deste artigo apresentam conceitos sobre 'coleções domésticas', bem como, questionamentos sobre os materiais arqueológicos coletados por moradores e consequentemente transformados em coleções. Essa temática tem sido gradualmente discutida entre profissionais arqueólogos e áreas afins. A relação entre pessoas e coisas aponta reflexões interessantes que implicam na gestão do patrimônio arqueológico e reconhecimento da construção narrativas sobre o passado, considerando as apropriações contemporâneas de vestígios arqueológicos que fundamentam aspectos particulares de interações com o passado (Bezerra, 2011).

Os sítios arqueológicos, antes de assumirem esse reconhecimento, são ambientes de atividades cotidianas que se relacionam com manuseio de plantações, construções de residências, mata ao entorno, dentre muitas outras características, são espaços de dinâmicas contemporâneas que necessitam de reflexões a respeito da preservação do patrimônio arqueológico. Pensar nessas questões, considerando as dinâmicas cotidianas de comunidades que estão assentadas em sítios arqueológicos ou próximo destes, impulsiona os profissionais arqueólogos a dialogarem nas perspectivas que tange a 'arqueologia sensível' que segundo Lima "[...] vai necessariamente pensar os princípios de manuseio, guarda e acesso em conjunto com aqueles coletivos

1. São solos escuros resultado de ações humanas.

humanos para os quais o patrimônio arqueológico faz sentido.” (Lima, 2019) considerando os sentimentos e interações com os vestígios antigos.

Atuar em contextos de comunidades contemporâneas interfere nas relações políticas e sociais. Ao se tratar do colecionamento na Amazônia observa-se a formação de diversas coleções arqueológicas de maneira desautorizada (Lima, 2019), tal ação repercute por diversas linhas de discussões seja esta de maneira política, social ou cultural.

Para a arqueologia é necessário pensar e repensar suas práticas e leituras quando se diz respeito ao colecionamento. Além da fruição arqueológica, as coleções plurais carregam também valor científico, tendo em vista que muitas das vezes essas coleções são consideradas descontextualizadas para os profissionais arqueólogos. No caso da coleção da Sra. Ruth, é de profunda relevância para os estudos arqueológicos, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado das cerâmicas Pocó e Konduri do baixo Amazonas, no que tange a sua variabilidade, semelhanças e diferenças entre os em conjuntos de ambas as fases, na cronologia relativa da região.

## Sobre coleções domésticas arqueológicas na Amazônia

As interpretações sobre coleções domésticas na Amazônia é um tema ainda pouco recorrente entre os profissionais da área. Atualmente grupos de discussões estão abertos para debater reflexões sobre as situações de coleções de objetos arqueológicos encontrados sob proteção de indivíduos de comunidades que vivem próximas ou acima dos sítios arqueológicos e tal ação é incorporada às relações de identidade, pertencimento, familiaridades e ancestralidade.

Recentemente o Grupo de Discussões (GD) “Acervos e Coleções Domésticas, não Institucionalizadas e Comunitárias”<sup>2</sup>, no VI Fórum Acervos Arqueológicos (2023) explorou sobre diferentes termos possíveis a serem utilizados quando for referido a esses casos recorrentes de coleções na Amazônia, estabelecendo critérios que esclareçam os enquadramentos a cada caso.

Observando a relevância científica para tal interpretação, o GD abre um leque de conceitos relacionados ao tema, porém utiliza do termo “coleções plurais” ao direcionar a episteme do caso. A pluralidade de termos expressos quando se refere a esses tipos de coleções se compreende por: coleção doméstica, coleção parente, coleção não institucionalizada, coleção não musealizada, coleção a margem do Estado, agrupamento de coisas, coleção particular, coleção afetiva, coleção familiar e coleção comunitária. O GD também faz menção a outros termos direcionados a outras vertentes de coleções referidas como “coleções não plurais” que são atreladas às: coleções de instituições de guarda, comércio clandestino, coleções comparadas/leiloadas, tráfico internacional de bens e escavações irregulares.

Pensar em coleção é estar intimamente relacionado com o ato de colecionar coisas. Para interpretações do colecionamento de artefatos arqueológicos, as vertentes da museologia contribuirão para o esclarecimento do termo coleção. Segundo Desvallées *et al.* (2013) uma coleção é “uma reunião de objetos que conservam a sua individualidade e reunidos de maneira intencional, segundo uma lógica específica” (Desvallées *et al.* 2013, p. 32). Enquanto Pomian (1987 apud Desvallées *et al.*, 2013, p. 32), define coleção como “todo conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetido a uma proteção especial em um lugar

2. Discussões promovidas pelo Grupo de Trabalho Acervos da Sociedade de Arqueologia Brasileira (GTA/SAB) e Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográficos (REMAAE).

fechado, mantido com este propósito, e exposto ao olhar”.

É importante distinguir entre colecionismo e colecionamento, pois essa diferenciação tem implicações significativas na Amazônia, especialmente no debate entre museus e as ‘coleções plurais’. Essas duas vertentes refletem perspectivas embasados na ideia do colecionismo e colecionamento na Amazônia. Diante disso, o colecionismo atua na relação de formação de museus e criações de reservas, mais próxima do pensamento colonialista de apropriação de objetos. Está profundamente ligado à ideia de posse e status, desde os antigos Gabinetes de Curiosidades. Essa prática associava-se ao princípio de propriedade e poder, e conseqüentemente possibilitou o surgimento e o dos museus, remetendo a um grupo particular de pesquisadores e exploradores (Suano, 1986).

8

Enquanto o colecionamento na Amazônia como ato de coleta desprezioso que por consequência provoca o interesse em guardar o objeto na qual pode ser descartado imediatamente ou iniciar a sua própria coleção (Bezerra, 2018). O grupo de interessados nesses fragmentos aflorados são as pessoas das comunidades que colecionam com o intuito de preservar e agregar as suas coleções domésticas (Lima, 2013).

Embasado no segundo conceito, o colecionamento na Amazônia é uma atividade que tem seus antecedentes desde os primeiros viajantes e missionários como encontrado nas narrativas de Frei Carvajal, por exemplo. Repercutindo aos pesquisadores que se interessavam pelos vestígios arqueológicos, eles montavam suas coleções e as destinavam a museus ou criavam seu próprio museu. É tendencioso dos seres humanos se sentirem atraídos por colecionar objetos, dessa forma, até os dias presentes, o colecionamento reverbera em tons de curiosidade pelas pessoas que moram nos locais onde afloram os artefatos arqueológicos.

Segundo Bezerra (2011), o colecionamento é apontado como uma forma de usufruir do patrimônio arqueológico. Essa ação não pode ser vista como algo de vandalismo ou de destruição do patrimônio (Bezerra, 2011), considerando que o ato de guardar e despretensiosamente montar pequenas coleções são vistas como modo de protegê-los e atribuindo valores de afetos (Bianchezzi, 2022). No caso da Coleção Ruth Neia, é perceptível o cuidado e zelo com a coleção nas formas em foram armazenados e sua história de relação afetuosa com “seus tesouros” como a própria colecionadora se refere.

As coleções domésticas arqueológicas na Amazônia são formadas a partir de coletas de artefatos que afloram nas superfícies geralmente vistas após chuvas, próximos de igarapés ou rios. Essas cerâmicas ficam “expostos e facilmente visíveis ao olhar” (Batalha, 2019) e levados pela fascinação dos fragmentos, os colecionadores se responsabilizam com senso de classificar e preservar em local de segurança dentro de suas próprias casas. Aqui as vertentes da museologia serão compreendidas a partir da definição de Desvallées *et al.* (2013) na qual se aplica que coleções são formadas a partir de alguns fragmentos e guardados de maneira proposital seguindo uma lógica de coletar, analisar e guardar. Vale considerar que o sistema de guarda do material não segue os métodos de organização feitos nos museus, são formados segundo suas próprias motivações (Bianchezzi, 2022).

É importante salientar que essas coleções, para alguns pesquisadores são consideradas descontextualizadas tendo em vista a retirada do material arqueológico do seu local de origem. Em contrapartida, essas coleções também são vistas como importante acervo para pesquisa pois “Os acervos arqueológicos incluem não apenas os materiais reunidos durante as pesquisas arqueológicas [...]. Tais acervos também podem abrigar ou ser formados por bens

obtidos em razão de doações [...]” (IPHAN, 2014). Além disso, o contato com os colecionadores que vivem em sítios arqueológicos contribui para a formação do conhecimento arqueológico visando a compreensão das (re)significações sobre o lugar onde vivem (Lima e Moraes, 2013).

## Papel da Arqueologia em relação à Coleção Doméstica ou Plurais

No Baixo Amazonas as práticas de colecionamento e ressignificações de achados arqueológicos são comumente aplicadas. Segundo Carla Carneiro (2014, p. 454) “o colecionamento espontâneo de peças arqueológicas pelas populações locais sem intencionalidade de venda e sem “interferência” física nas peças”. Dessa forma, compreendemos o elo de relações entre a comunidade e o patrimônio arqueológico que por muitas vezes se sentem responsáveis pelo caquinho atribuindo novos valores de utilização e identitários. O caminho para compreender esses interesses particulares de montar coleções é explicado por Bezerra e Najar (2009). Ambas discutem três linhas: 1) coleções por meio de leilões autorizados; 2) coleções por intermédio de obras e artefatos alimentados pelo tráfico ilícito; e 3) coleções formadas por moradores no entorno de sítios arqueológicos.

Vale rever que a legislação brasileira proíbe a coleta de patrimônio arqueológico segundo a Lei nº 3.924/1961. No Capítulo II – Diz respeito sobre o “direito de realizar escavações para fins arqueológicos, em terras de domínio público ou particular, constitui-se mediante permissão do Governo da União, através da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN” (Brasil, 1961). As instituições de guarda são regularizadas pelo

IPHAN para receber coleções arqueológicas. Além disso, no Capítulo IV, o artigo 17 discute que “a posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, diretamente ao Estado” (Brasil, 1961). Enquanto o artigo 18 aborda que:

A descoberta fortuita de quaisquer elementos de interesse arqueológico ou pré-histórico, artístico ou numismático deverá ser imediatamente comunicado à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou aos órgãos oficiais autorizados, pelo autor do achado ou pelo proprietário do local onde tiver ocorrido (Brasil, 1961).

Cabe também esclarecer que de acordo com o Decreto-Lei 3.924/19619, “o proprietário ou ocupante do imóvel onde se tiver verificado o achado é responsável pela conservação provisória do que foi descoberto, até o pronunciamento e deliberação da Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional”. Ou seja, preservar achados pode ser feito até que o IPHAN seja comunicado e manifeste ações para averiguar o material.

As reflexões sobre as situações de coleções ou agrupamentos de objetos arqueológicos que se encontram sob guarda de indivíduos, família ou comunidades na Amazônia dizem sobre uma relação direta com esses objetos, seja por habitações nas proximidades de sítios arqueológicos ou por relações de identidade, ancestralidade, pertencimento ou dentre outros motivos envolventes.

O prelúdio para o colecionamento tem suas raízes desde o período clássico, tendo a Grécia como palco de fundamento para as ações de colecionismo. Essa prática foi perpetuada no período medieval por meio das coleções da Igreja Católica e de senhores

feudais, até chegar no Renascimento onde se configurou no sentido mais próximo com o que temos atualmente de museus. É durante esse período que se desenvolve e se estrutura o colecionismo na sociedade com a formação dos Gabinetes de Curiosidades organizados durante os séculos XV-XVIII como um espaço que guardavam um aglomerado de objetos de diferentes contextos.

No século XVIII, os museus tiveram um impacto de configuração para separar, especialmente sobre critérios de Museus de História Natural e Museus de Artes, incentivado pela pesquisa e pensamento crítico. No século XIX, surgiram os museus etnográficos, que no Brasil se dedicaram a exibir a cultura material dos povos antigos da Amazônia, transformando-se em espaços de pesquisa e ensino científica, bem como em locais de preservação da identidade de um povo. Muitas das coleções presentes nos museus atualmente resultam de coleções particulares de pesquisadores que atuavam na Amazônia, reunindo uma diversidade significativa de objetos culturais.

No Museu Paraense Emílio Goeldi, as primeiras coleções do estilo Pocó e Konduri foram doadas nos anos 50. O pesquisador Peter Hilbert em suas pesquisas na Amazônia, sobretudo pelo Estado do Amazonas oferece dados importantes sobre a cronologia das populações indígenas e pesquisas na região.

Em Parintins, região que contempla intensidade de populações indígenas, sobretudo por meio dos vestígios arqueológicos, ainda é pouco estudada. O projeto “Divulgação arqueológica em tempos de pandemia, coleções de Parintins-AM e suas histórias” teve como intuito promover ambientes de comunicações entre os moradores de Parintins que colecionam artefatos e estão diretamente inseridos em contextos de sítios arqueológicos, pesquisadores arqueólogos e áreas afins e instituições de guarda responsáveis pelo material arqueológico de Parintins (Bianchezzi,

et al. 2021). O contato da arqueologia com essas comunidades reforça a importância da valorização do patrimônio arqueológico e “tem seu foco investigativo voltado também às pessoas que atualmente vivem nos sítios arqueológicos e seu entorno, e a pesquisa busca, então, compreender os processos de construção de narrativas, de significados e de ressignificações em torno de tais vestígios” (Bianchezzi, et al. 2021).

A arqueologia desempenha um papel crucial na compreensão das coleções domésticas na Amazônia, pois ilustra como os objetos antigos do passado se integram às dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. Os objetos, vezes desvalorizados, vezes não, assumem tanto uma nova função de preservação cultural, quanto de conexão afetiva com o passado. Do mesmo modo, atribuem significados baseados em suas próprias experiências e na convivência com a paisagem e história do local.

Ao reunir artefatos os colecionadores participam ativamente do processo de preservação cultural que muitas vezes são negligenciadas pelas autoridades públicas. A exemplo da senhora Ruth, ela comenta sobre importância de ter em Terra Santa um espaço que contasse para gerações futuras a história local. Como visto por Jéssica Batalha (2019), as coleções particulares emergem como formas de resistência e preservação do patrimônio material. Dessa forma, o fazer arqueologia com coleções domésticas amazônicas não é apenas uma prática individual, mas um fenômeno que interpassa por complexas relações interpessoais, territoriais e históricas. Exploram espaços muito além dos meios acadêmicos e os museus, atravessando nos lares e nas vivências cotidianas da Amazônia, e oferecendo às comunidades a oportunidade de tomar controle sobre suas próprias narrativas.

## Coleção Ruth Neia Bentes

A Amazônia é um terreno fértil para a descoberta de vestígios arqueológicos que narram histórias do passado das sociedades indígenas. Por muito tempo, os achados arqueológicos, sobretudo na região do Baixo Amazonas, têm sido cruciais para elucidar aspectos desconhecidos dessas civilizações. No entanto, além das escavações científicas, há outro tipo de coleta de valor arqueológico: as coleções domésticas feitas pelos moradores locais.

Ruth Neia, a colecionadora de caquinhos desta narrativa, nos contou por meio de aplicativo de mensagens instantâneas sua experiência de coleta dos fragmentos arqueológicos.

Nascida em Terra Santa, oeste do Pará, senhora Ruth conta uma trajetória influenciada por sua conexão com a história da cultura local. Após morar 6 anos em Manaus, retornou a sua cidade natal para cuidar da sua irmã e sobrinhos. Com seu retorno, ela se envolveu em diversas atividades de preservação ambiental e que a fez colecionar fragmentos arqueológicos encontrados em seu terreno e nas redondezas acumulando um grande acervo de vestígios arqueológicos.

Entre 2015 e 2020, a senhora Ruth nos conta que morou durante cinco anos na Ilha dos Paes na qual antigamente era aldeia de etnia Conduri. Durante os trabalhos de construção da sua casa e plantações de mudas, ela encontrou diversos fragmentos de cerâmicas, que são comumente conhecidos pelos moradores como “caretas”. Logo, a senhora Ruth compreendeu que o que aparecera em seu terreno eram sinais de cultura ancestral.

Inicialmente, suas descobertas eram casuais, entretanto, com a frequência em encontrar os caquinhos, começou a despertar o interesse e curiosidade a coletar muitos outros não somente em seu quintal, como também em comunidades próximas. A cada visita em outras comunidades, ela identificava peças que

estavam lá e que estavam sendo danificadas devido ao impacto das atividades cotidianas dos moradores e animais. Temendo pela perda deste material, senhora Ruth tomou a decisão de coletar e guardá-los e isso fomentou para que esta prática a cativasse como um verdadeiro vício “[...] eu sempre procuro peças inteiras ou fragmentos. Fiquei com os olhos treinados e se tornou quase um vício” (Ruth Neia, 2023).

Por motivos pessoais, ela teve que se mudar da comunidade onde morava e levou consigo todos os fragmentos. Porém com a chegada da pandemia de COVID-19, ela receou por sua vida que a levou a solução de garantir que esses artefatos não se perdessem. Neste momento, entrou em contato com a Dr<sup>a</sup> Edithe Pereira, na qual havia conhecido em outra oportunidade de trabalho de campo da pesquisadora na região, e ofereceu o material para doação ao Museu Goeldi. Todo o material foi embalado cuidadosamente e com documento de doação para o Museu. O material chegou ao Campus de Pesquisa do Museu em duas caixas de isopor transportadas de navio até Belém e recolhido pela Dr<sup>a</sup> Edithe no porto de Belém e levado para Reserva Técnica Mário Ferreira Simões.

A senhora Ruth, tem muito apreço por sua coleção, para ela é como se fossem tesouros. Ela entende o valor histórico e cultural e espera que sua coleção ajude futuros pesquisadores sobre a história da região. E afirma ter outra coleção que também pretende doar ao Museu Goeldi. Destaco aqui que ela já havia feito anteriormente uma doação de uma estatueta e outros fragmentos cerâmicos ao Museu em 2015 e esta será complementada a outra coleção recente criando assim a Coleção Ruth Neia.

Figura 1- Imagem amostral de alguns fragmentos da primeira coleção doada.



Fonte: acervo pessoal das autoras, 2023.

Figura 2- Estatueta doada em 2015.



Fonte: acervo pessoal das autoras, 2023.

A nova coleção doada foi efetivada em 2021 por intermédio da curadoria de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em 2023 a coleção foi aberta e teve início o processo de laboratório, e com ela percebemos uma prévia divisão de tipos cerâmicos acondicionados em caixas e garrafas.

A coleta e guarda desse material foi feita cuidadosamente pela própria doadora. Vieram armazenados em duas caixas grandes de isopor, dentro das caixas encontrava-se em garrafas plásticas acondicionadas sobre camadas divisórias com algodão e papel. Fragmentos acomodados em papel toalha, papel manteiga, papel de seda e sacolas plásticas formando como se fosse um acolchoado para os fragmentos.

Os fragmentos estavam separados em alguns grupos cerâmicos, por exemplo, os bulbos cônicos de bases trípodas pequenas, médias e grandes. Muitos fragmentos de apliques de “caretas” variados com figuras zoomórficas, antropomórficas e zooantropomorfos. Assim como, material lítico que pode ter indicativos de manuseio e consumo de mandioca sendo utilizado como raladores. Também fez separações por partes da vasilha, borda, parede, base, alças e apliques.

Figura 3 e 4 - Acondicionamento feito por D. Ruth Neia



Fonte: Justin StJacques, 2023.

Muitos dos fragmentos são coletados por serem mais atrativos esteticamente, valorizando as elaborações artísticas de trabalhos com decorações em incisão, excisão, pinturas, modelagem, sobretudo as “caretas”. Bezerra (2011) destacou em suas pesquisas no Marajó que as pessoas das comunidades “preferem os mais

enfeitadinhos”, sobretudo pelo apelo estético e isso muitas vezes leva a subestimação de sua importância histórica e arqueológica.

As pesquisas de Lima, Moraes e Parentes (2013) em Parintins contribuem também que “peças foram acrescidas de novos significados e passaram a ser valorizadas de outro modo nas comunidades, chegando a aparecer em crescentes coleções organizadas pelos comunitários” (Lima, Moraes e Parentes, 2013, p. 74). Ao considerar essa perspectiva, Alfred Gell (2005) se refere à atração por aquilo que pode ser considerado fascinante. No caso dos fragmentos escolhidos por serem “mais bonitinhos”, Gell (2005) utiliza o termo “tecnologia do encanto” que está embasada em “a tecnologia do encanto é fundada no encanto da tecnologia. O encanto da tecnologia é o poder que os processos técnicos têm de lançar uma fascinação sobre nós, de modo que vemos o mundo real de forma encantada” (Gell, 2005, p. 45).

A exemplo da coleção Ruth Neia, como foi patenteada na Reserva Técnica de Arqueologia do Museu Goeldi, os fragmentos coletados ganham novas dimensões de interpretações. Toda a coleção Ruth Neia agregada ao acervo da Reserva foi trabalhado em laboratório com higienização do material respeitando a pré-classificação realizada por Ruth. No inventário foram contabilizados 3.131 fragmentos desta coleção e a doadora ressalta que continua colecionando material para fazer doação ao Museu.

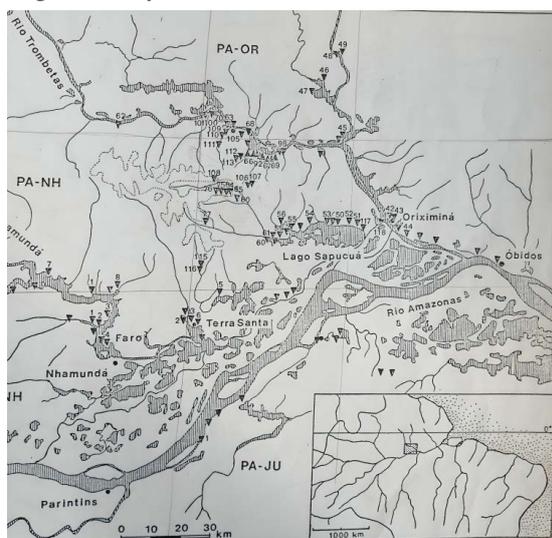
## Pesquisas arqueológicas na região de Terra Santa, Baixo Amazonas

O povoamento na Amazônia é datado há mais de 13 mil anos, conforme evidências na Caverna da Pedra Pintada em Monte Alegre, nesta mesma região, no sambaqui da Taperinha, ocupações

com cerâmicas foram datadas em 7 mil anos atrás, as mais antigas das Américas, e se destacam como evidências de desenvolvimento precoce da tecnologia cerâmica na Amazônia antiga (Neves, 2012). Mais próximo de Terra Santa, as pesquisas arqueológicas no Trombetas apontam uma sequência de ocupação desde 3 mil anos (Pocó) seguido de Konduri. Esses elementos, juntamente com as narrativas históricas, implicam em populações e contexto históricos complexos antes do contato europeu e após este contato. Além disso, há evidências de pinturas rupestres na região da bacia do rio Trombetas coordenado pela pesquisadora Edithe Pereira que as identificou em estudos subaquáticos (Pereira, 2003).

Para isso, as ações do “Projeto Arqueológico Porto Trombetas” atuaram para a identificação dos sítios arqueológicos na região, averiguando o estado de conservação dos sítios, prospecção tanto nas margens de rios e lagos quanto em ambientes subaquáticos (Guapindaia, 2000). As pesquisas realizadas na região do baixo-Trombetas até o Lago de Faro, no curso inferior do rio Nhamundá, identificaram cerca de 70 sítios arqueológicos. (Hilbert, 1955; Hilbert, 1988).

Figura 5 - Sítios arqueológicos identificados.



Fonte: Relatório Projeto Arqueológico Porto Trombetas

Anterior a invasão dos colonizadores, a Amazônia era povoada por sociedades indígenas que após o contato europeu desencadeou profundas mudanças no modo de vida dos povos amazônicos durante os séculos XVI e XVII. A historiografia se encarregou de interpretar, por meio das narrativas dos viajantes e missionários, as mudanças no cotidiano dos habitantes indígenas nos séculos de conquista. E sob as lentes culturais do advento das grandes navegações, o imaginário europeu idealizou terras inabitadas, com abundância em especiarias e ouro e uma viagem repleta de aventuras. Contudo, tais expectativas foram sobrepostas por outra realidade na qual apresentou aos colonizadores sociedades indígenas já pré-estabelecidas e organizadas culturalmente (Souza, 2009).

As narrativas dos cronistas evidenciaram louças, objetos cerâmicos que ressaltam aos olhos com suas cores e formas diferenciadas. Frei Carvajal (1542), descreve sobre os objetos em suas crônicas:

En este pueblo estaba una casa de placer, dentro de la cual había mucha loza de diversas hechuras, así de tinajas como cántaros muy grandes de más de 25 arrobas, y otras vasijas pequeñas como platos, escudillas y candeleros, desta loza de la mejor que se ha visto en el mundo, porque la de Málaga no se iguala con ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todas colores y tan vivas que espantan. Y demás desto, los dibujos y pinturas que en ellas hacen son tan compasados que, normalmente, labran y dibujan todo como lo romano. Y allí nos dijeron los indios que todo lo que en esta casa había de barro, lo había en la tierra adentro de oro y de plata, y que ellos nos llevarían allá, que era cerca. (Carvajal, 2011, p.40).

Posteriormente esses materiais produzidos pelos povos originários foram comprovados durante as escavações

arqueológicas na Amazônia que anunciam o interesse de expressarem características de suas culturas por meio dos artefatos arqueológicos, produzindo a identidade de grupos indígenas, denominação sobre o território e produção cultural.

Durante as primeiras pesquisas sistemáticas na Amazônia, os norte-americanos Betty Meggers e Clifford trouxeram a ideia de que a Amazônia seria incapaz de haver inovação cultural. Com forte influência do evolucionismo cultural de Steward (1948), defendiam que o ambiente tropical úmido não suportaria o desenvolvimento cultural das chamadas Tribos de Floresta Tropical (Lowie, 1948). Com essa teoria cria-se a perspectiva de que os registros históricos como as elaboradas cerâmicas encontradas na região poderiam ter vindo dos Andes por meio de migrações, e recebido influência do meio ambiente (Meggers, 1971).

Um dos aspectos fundamentais para os estudos pré-históricos da Amazônia é a frequência de Terra Preta encontrado em abundância em grande parte dos sítios arqueológicos amazônicos em decorrência ao manuseio da terra (Palmatary, 1960), que nos leva a segunda característica, os lugares de ocupação estão, sobretudo, em locais próximos de lagos e rios. E certamente a presença de fragmentos cerâmicos favoreceu para a formação dos contextos de sítios arqueológicos. Dessa forma, os estudos arqueológicos que se iniciaram na Amazônia revelaram grupos indígenas por meio da cultura material e possíveis funções sociais através das análises dos fragmentos encontrados em sítios e permitem serem estudos para compreensão do comportamento e atividades na região.

Os rios Nhamundá e Trombetas, no baixo Amazonas, Pará, apresentam diversos vestígios arqueológicos explorados por pesquisadores durante metade do século XIX. Este período foi de intensos investimentos para a Arqueologia Amazônica e de

relações entre a ciência brasileira e internacional.

Ao final do século XIX, o botânico João Barbosa Rodrigues foi enviado pelo Governo Imperial para realizar pesquisas nos rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá e em outras regiões da Amazônia. Com esse investimento, o botânico, com curiosidade nas áreas arqueológicas, relata que encontrou fragmentos cerâmicos e foi o primeiro a atribuir à região do Konduri (Guapindaia, 2008). Já no século seguinte, XX, o etnólogo Curt Nimuendajú, pesquisou a região dos rios Tapajós e Trombetas fazendo registros de sítios arqueológicos. Foi através de seus levantamentos de materiais arqueológicos que Nimuendajú estabeleceu diferenças e semelhanças entre os estilos de Tapajós e Santarém, como também limites geográficos. Segundo Curt, Konduri era um grupo que ocupava a área do oeste do Tapajós e o limites entre Tapajós e Santarém estava na Serra de Parintins (Hilbert, 1955; Gomes, 2002; Nimuendajú, 1949; Guapindaia, 2008).

Durante o século XX as pesquisas arqueológicas nas áreas do baixo Amazonas às margens dos rios Nhamundá e Trombetas. O Frei Protásio Friel viajou para cumprir missões da vida religiosa na região de Oriximiná e Terra Santa nas décadas de 1930 e 1950. O Frei encontrou vários vestígios arqueológicos no qual foram repassados por meio de narrativas orais para Peter Hilbert e o relatou a presença de sítios arqueológicos no rio Trombetas (Hilbert, 1955). A descoberta de vários sítios arqueológicos nos anos de 1953, obtiveram resultados preliminares ao estilo Konduri, definido como complexo cerâmico com características de modelagem e incisões que se relacionavam com o estilo Santarém no rio Tapajós (Hilbert, 1955). As cerâmicas do estilo Konduri foram encontradas em toda a extensão dos rios Nhamundá e Trombetas, no entanto, durante as escavações em níveis mais baixos, às margens do rio Pocó, foi encontrado outro estilo mais

antigo na qual esse ficou conhecido como cerâmica Pocó.

Hilbert realizou levantamento desses sítios identificados por Frikel e encontrou mais outros sítios que foram registrados. Hilbert implementou a primeira análise e classificação da cerâmica dessa região, fazendo comparações com a coleção particular de Frederico Barata. Peter identificou o uso de cauxi e areia no antiplástico das cerâmicas, tendo o cauxi como mais frequente, além disso, classificou como temperada com areia, estilo Konduri e estilo Globular (Guapindaia, 2008).

As pesquisas arqueológicas de Peter Hilbert e Klaus Hilbert na região do baixo-Trombetas foram identificados dois tipos cerâmicos diferentes, nas porções superiores foram encontrados o estilo Konduri, enquanto nos níveis mais baixos da estratigrafia encontram-se cerâmicas do estilo Pocó. A cerâmica Konduri está relacionada à cerâmica de Santarém da foz do rio Tapajós. Tanto Konduri quanto Santarém estão classificados no estilo Inciso Ponteadado. Ao que se refere a fase Pocó, este estilo contém traços decorativos muito variados e relembram a tradição Barrancóide da Venezuela, mas em estudos mais recentes, a fase Pocó está relacionada à tradição Borda Incisa (Guapindaia, 2008).

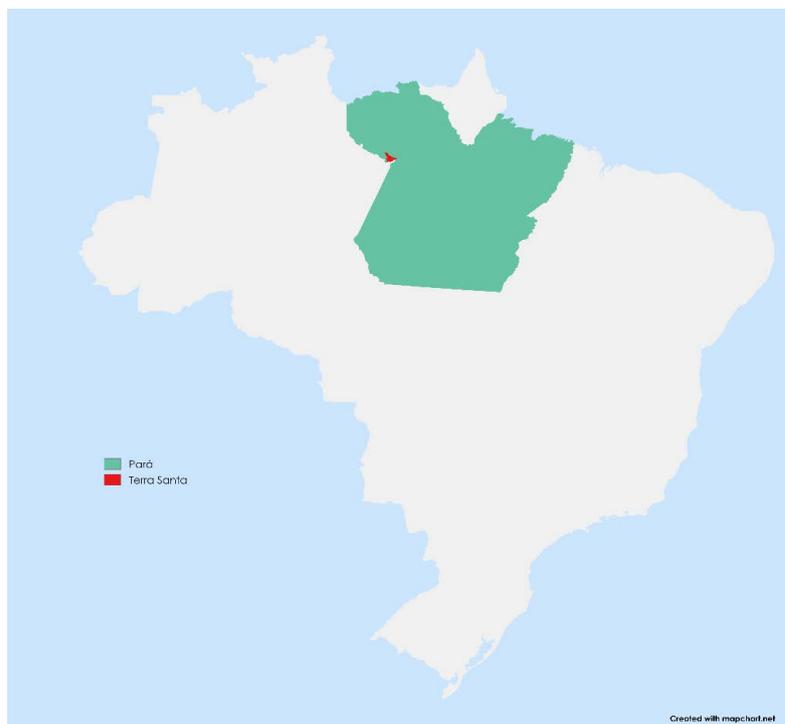
Os vestígios cerâmicos do estilo Pocó e Konduri encontrados no baixo Amazonas na região dos rios Nhamundá e Trombetas. São datados no período de 1000 a 1500 A.D para o estilo Konduri e 301 a 900 D.C para o estilo Pocó (Guapindaia, 2008). A partir das análises dos relatos dos cronistas e presença de vestígios arqueológicos, constatou-se que a hipóteses de sociedades complexas na Amazônia.

Em Terra Santa, próximo do rio Nhamundá, pertence à mesorregião do Baixo Amazonas nos municípios de Faro e Oriximiná (IBGE, 2014). Nas proximidades dos rios Nhamundá e Trombetas, Terra Santa compõe um complexo de sítios

arqueológicos que atualmente estão ocupados por comunidades tradicionais. Com este cenário, Ilha dos Paes, local onde foram coletados os fragmentos, integra o padrão de assentamentos em terraços nas margens dos rios e igarapés, fazendo referência às áreas de atividades relacionadas à pesca e coleta de outros diversos recursos (Schaan, 2012), bem como indicadores de produção de cultura material de artefatos cerâmicos e líticos.

Terra Santa na qual era conhecido como Pedra Santa, possui narrativas da comunidade que contam de grupos indígenas que faziam rituais sagrados na ponta de uma pedra. Posteriormente nomeado Terra Santa devido uma lenda local que narra a história de um surto de gripe entre os indígenas amazonenses. O pajé por meio de rituais xamanísticos ordenou para que as indígenas tomassem banho no lago e dessa forma foram curadas e a partir de então ficou conhecida pelos indígenas como Terra Santa (IBGE, 2014).

Figura 6 - Localização de Terra Santa.



Fonte: Mapchart, 2024.

Terra Santa a Unidade de Conservação (UC) da Floresta Nacional de Saracá-Taquera (FLONA Sacará-Taquera), gerenciado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Faz parte do complexo de sítios arqueológicos que foram, primeiramente, identificados pelo Frei Protásio Friel durante suas viagens missionárias. O frei foi pároco de Oriximiná e Terra Santa durante as décadas de 1930 e 1950 e inaugurou sua coleção particular com os achados e nisso abriu caminho para as discussões sobre o colecionamento na Amazônia (Guapindaia, 2008; Lopes, 2018; Martins, 2012).

## Cerâmica Pocó

A ocupação Pocó tem seu primeiro registro na região do Lago Pocó, no baixo Nhamundá, às margens do rio Trombetas por Peter e Klaus Hilbert. Suas datações constam de 65 AC a 205 DC. As pesquisas arqueológicas de Hilbert & Hilbert na área do rio Trombetas identificou na estratigrafia que esta fase Pocó está em níveis inferiores em comparação a ocupação Konduri (Guapindaia, 2008).

Os sítios com cerâmica Pocó estão relacionados ao período anterior ao surgimento das grandes aldeias e à formação das terras pretas (Neves, 2012). Com novas discussões através das pesquisas realizadas por Neves e colaboradores, transformaram a fase Pocó em Tradição Pocó, os argumentos usados para esta mudança se embasaram no fenômeno de dispersão mais abrangente com relação à Amazônia Central e ao baixo Amazonas (Guapindaia, 2008).

Os argumentos levantados por Neves et al. (2014), supõe-se que os sítios com cerâmica Pocó apareçam após extenso período de intervalo de ocupação. Dado a importância para as semelhanças da cerâmica Pocó com o estilo cerâmico Barrancóide do sítio El

Palito na região litorânea da Venezuela e Caribe, que segundo D. Lathrap teria se desenvolvido inicialmente na Amazônia central e posteriormente migrado para o norte da América do Sul (Lathrap, 1975). Neves, articula que as populações produtoras da cerâmica Pocó teriam sido remanescentes do continente norte, chegando à Amazônia com aproximadamente 2.300 anos.

Na década de 1970, com as pesquisas de Peter e Klaus Hilbert na área dos rios Trombetas-Nhamundá, houve novos levantamentos para identificar, além de identificar novos campos cerâmicos, também reordenar padrão cronológico para a área (Gomes, 2002). Os sítios Boa Vista e Pocó, ambos localizados às margens do rio Trombetas, apresentam dois estilos cerâmicos diferentes, sendo Pocó mais antigo e Konduri mais recente (Guapindaia, 2008).

As cerâmicas Pocó possuem traços decorativos muito diversificados e produzidas com cauxi<sup>3</sup>, caraipé<sup>4</sup> ou com mistura de ambos na mistura do antiplástico. As decorações são feitas com engobo<sup>5</sup> vermelho sobressaindo tonalidades de laranja-avermelhado; também se encontra vermelho sobre branco com incisã<sup>6</sup>o. Também ocorre, em menor escala, a presença de inciso-escovado, raspado-zonado, acanelado e modelado-inciso (Hilbert e Hilbert, 1980). Assim como há também formação de padrões geométricos complexos e ocorre a representação de apliques de flanges <sup>7</sup>labiais modelados com formas antropomórficas e zoomorfos (Jácome, 2002).

3. Esponja de água doce, quando adicionadas à pasta cerâmica como tempero.

4. Cinzas obtidas da queima da casca de uma árvore do gênero Licania.

5. Técnica de aplicar uma camada fina de argila na peça, a fim de dar um acabamento uniforme.

6. Compõe-se de fazer linhas finas na superfície, podendo ser técnica decorativa ou de acabamento.

7. Define-se como uma extensão da borda ou do corpo da vasilha.

Figura 7 e 8 - Fragmentos da coleção Ruth Neia de filiação cultural Poco.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2023.

## Cerâmica Konduri

A cerâmica Konduri tem como principal área de concentração no Rio Trombetas e Nhamundá a deságuam no Rio Amazonas, no estado do Pará, encontrado em sítios arqueológicos com TPA. Os primeiros registros dessa população está relatos nos escritos dos viajantes missionários que chegaram na Amazônia por volta do XVI e XVIII, estes descreviam os Conduri como bárbaros e produtores de cerâmicas atrativas aos olhos, era habitada predominantemente por mulheres guerreiras que atacaram os colonizadores na sua chegada. Pouco se sabe sobre o grupo indígena Conduri<sup>8</sup>, entretanto, a arqueologia nomeou Konduri<sup>9</sup> com referência ao material arqueológico proveniente desse grupo (Castro, 2018).

Os relatos históricos dos cronistas contam sobre grupos nativos que ocuparam a localidade desde o século XVI até

8. Conduri está relacionado ao grupo indígena (Castro, 2018)

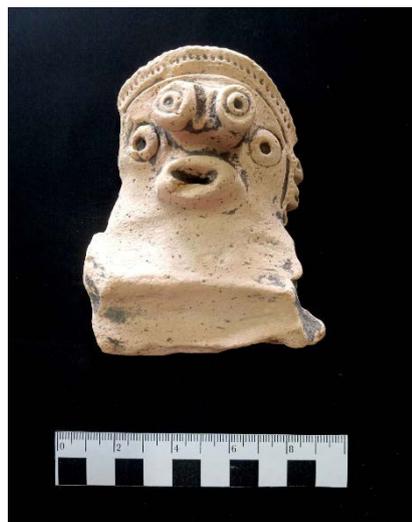
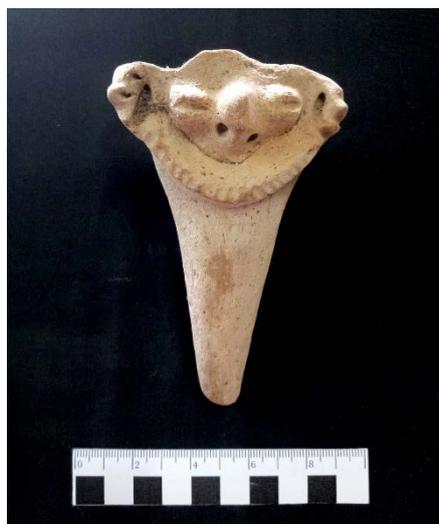
9. Konduri está relacionado a cerâmica do grupo Conduri (Castro, 2018)

a primeira metade do século XX. Dentro desses grupos, os Conduri se destacam como aqueles que possuem o registro mais duradouro, estendendo-se dos séculos XVI ao XVII. Considerando suas habilidades na produção de cerâmica com mais detalhes estilísticos, e considerando a criação de um tipo específico de cerâmica com características distintas na área, é viável considerar os Conduri como a peça central de um contexto cultural mais recente. Dessa forma, as informações obtidas da pesquisa arqueológica com base nos relatos históricos, podemos deduzir que a presença dos Conduri na região perdurou do século XIII ao XVII (Guapindaia, 2008).

As pesquisas começaram com Hilbert e Hilbert que deram continuidade nas pesquisas sistemáticas da região Trombetas-Nhamundá em 1970. São cerâmicas encontradas na superfície e vinculadas à Tradição Inciso Ponteadado. Suas características de decoração aparentam apêndices zoomorfos, antropomorfos e zooantropomorfos e com finas incisões e tendo como antiplástico o cauixi (Alves, 2016).

Hilbert e Hilbert (1980) as características da cerâmica Konduri geralmente estão bem oxidadas, com cauixi como antiplástico e tipos de decoração com ponteados, marcação com corda, serrungulado, ungulado e impressões em zigue-zague.

*Figura 9, 10 e 11 - Fragmentos da coleção Ruth Neia de filiação cultural Konduri.*



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2023.

## A Museologia feita pela comunidade

O museu está intimamente ligado com a memória (Abreu, 1996), dessa forma, a sociomuseologia visa fazer adaptações na esfera museológica, a fim de atender a sociedade contemporânea, mostrando as perspectivas culturais atuais e adaptando ao dia a dia, como seu papel de promover interatividade, criando assim um diálogo e reflexões mútuas (Moutinho, 2014). O reflexo desta relação bilateral está em concordância com a nova definição de museus segundo o ICOM (2022), sendo os museus instituições

a serviço da sociedade, se comprometendo com a ética e o desenvolvimento sustentável diante das esferas sociais na qual se relaciona. Por fim, rompe com a segregação das comunidades nos museus, um processo que esteve profundamente enraizado na história dos museus ligados ao pensamento colonialista.

Rompendo com o pensamento colonialista, o museu é reafirmado como uma instituição dinâmica que se adapta às demandas sociais, integrando a memória coletiva. Pollak (1989) define memória coletiva como uma memória compartilhada por um grupo em determinado período. Essa construção de memória se destaca no caso da Ruth Neia, sua coleção, iniciada por uma atração estética, evoluiu para um vínculo emocional e intelectual que a instigou a pesquisar sobre o material em suas mãos fazendo uma ponte entre os objetos e a comunidade compartilhando os frutos dos seus estudos.

No campo da conservação existem diversos fatores a serem estudados antes de definir como agir em cima de tal acervo/peça, um desses fatores é a questão são os fatores ambientais, em que esses fatores influenciam? Os objetos estão intrinsecamente ligados aos elementos nos quais foram feitos, podendo sofrer intempéries que aceleram seu processo de degradação. Esse processo tem seu início assim que começa a ser criado o objeto, e o papel do profissional de conservação é retardar esse processo, usando de métodos que não tem como função reverter o quadro desse objeto, mas estender sua “vida”.

Existem diversas pesquisa e manuais sobre a conservação de materiais (ICOM, 1984; Alambert et al. 1998; Caldeira, 2005; Teixeira; Ghizoni, 2012; Froneer, 2016; Martins, 2017) voltados para os profissionais museólogos, conservação e restauro. No entanto, no caso de coleções domésticas, com as de Dona Ruth, a diferença está que essa relação é dada de maneira muito cuidadosa

e afetuosa. Os guardiões cuidam com um olhar de pertencimento, afetivo, baseado em suas experiências pessoais de preservação. Em grande parte dos casos, essas coleções ficam guardadas em caixas de isopor ou de papelão, como também podem ser encontradas expostas em suas estantes.

Dona Ruth fez sua própria curadoria, organizando os fragmentos de cerâmicas conforme suas semelhanças. Para transportá-lo de Terra Santa até Belém, ela os acondicionou em caixas de isopor, garrafas plásticas e papéis de seda, sacolas plásticas para evitar atrito entre fragmentos. Esse método é o mais acessível considerando os recursos viáveis para acomodação dos objetos cerâmicos.

O Museu Goeldi, como instituição de salvaguarda, atua para buscar maior aproximação com a dinâmica das práticas de coleções domésticas e contribuir para os métodos de conservação e preservação do material arqueológico. Para Ruth Néia, o Museu seria o “guardião” dos seus tesouros - os caquinhos - na qual, segundo o conceito de sociomuseologia, influenciam diretamente sobre o que se entende acerca de “objeto museológico”, consideram as práticas museológicas contemporâneas (Chagas, 2014).

## Considerações Finais

A coleção de Ruth representa mais do que apenas fragmentos arqueológicos, simboliza conexão afetuosa entre sua terra e memória coletiva da sua comunidade. Ao coletar, preservar e, eventualmente, doar ao Museu Paraense Emílio Goeldi, a senhora Ruth atua fundamentalmente no processo de salvaguarda do patrimônio cultural. Sua dedicação à preservação de peças que, de outra maneira, poderiam se perder, reflete o valor das práticas

de coleções domésticas, especialmente em uma região onde o patrimônio material está muitas vezes vulnerável ao tempo, ao meio ambiente e à negligência. Neste caso, também reforça a importância de acionar profissionais arqueólogos quando evidenciar locais/objetos históricos.

O patrimônio arqueológico sob guarda dos moradores de comunidades localizadas em sítios arqueológicos é remetido a valores de afeto, coleta, contemplação, guarda, preservação e de certa forma também contribuindo para fruição do conhecimento. Cada caco encontrado conta uma história e aguça curiosidade e aflora a imaginação daqueles que coletaram e tem apreço sobre os caquinhos. Com essa perspectiva, a arqueologia e aspectos da educação patrimonial nas comunidades com sítios arqueológicos entram com expectativas de desenvolver estratégias que colaborem para a preservação e conservação do patrimônio arqueológico.

Acompanhar a trajetória da Coleção Ruth Neia nos permitiu observar a importância desta coleção para o acervo do Museu Goeldi, evidenciando as relações entre comunidade e Museu. Nos reforça que a preservação do patrimônio não são tarefas somente das instituições, mas um esforço coletivo que caminha junto com histórias afetivas e do compromisso de garantir que as memórias da Amazônia continuem ativas e vivas para as gerações futuras.

Por fim, destacamos uma fala de dona Ruth ao saber que sua coleção no Museu Goeldi obteve o seu nome (2022) "Fico feliz de saber que o meu tesouro está no lugar ideal!".

## Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 225 p.

ALAMBERT, Clara Correia d'; MONTEIRO, Marina Garrido; FERREIRA, Silvia Regina. **Conservação postura e procedimentos**. Secretaria do Estado de Cultura, São Paulo, 1998.

ALVES, Marcony Lopes. Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, p. 11-36, jan/abr. 2018.

BATALHA, Jéssica Guimarães. **Eu gostei desde a primeira que eu ajuntei..."**: a prática da formação de algumas coleções particulares de artefatos arqueológicos no município de **Parintins-Amazonas**. Universidade do Estado do Amazonas, 2019.

BEZERRA, Marcia. As moedas dos índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan./ abr. 2011.

BEZERRA, Marcia. Com os cacos no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 38, p. 85-99, 2018.

BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1 [7], p. 107-122, 2013.

BEZERRA, M.; NAJJAR, R. Semióforos da Riqueza: um ensaio sobre o tráfico de objetos arqueológicos. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, Brasil, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.18224/hab. v7.1.2009 Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2017>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BIANCHEZZI, C. et al. **Fragmentos: arqueologia, memória e histórias de Parintins**. 2. ed. Manaus: Editora UEA, 2023. disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/5271>. Acesso em: Dez. 2023.

BIANCHEZZI, Clarice. **Entre cacos e flores: apropriações, usos e significados dos vestígios arqueológicos pelos moradores do sítio Macurany, Parintins, Amazonas**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará, 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Editora do Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961. **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm). Acesso em: 16 nov. 2015.

CALDEIRA, Cleide Cristina. **Conservação preventiva: histórico**. Revista CPC. São Paulo, 2005/2006.

CARVAJAL, Gaspar de. [1542]. **Descubrimiento del río de las Amazonas**. Madrid: Babelia. 70 p. 2011.

CASTRO, L. P. Índio Conduri: Viajantes e Missionários na Amazônia Colonial. **Revista Temporis[ação]** v. 18, n. 1, p. 197-

216, 2018. ISSN 2317-5516.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês.. **Cadernos do CEOM** - Ano 27, n. 41 - Museologia Social, 2014. MOUTINHO, M. (Coord.). Sobre o Conceito de Museologia Social. In: Cadernos de Sociomuseologia, v.1, n.1, 1993. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)

DESVALLÉES, André; FRANÇOES, Mairesse; SOARES, Bruno Brulon; CURY, Marília Xavier. **Conceitos-chaves de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

FRONER, Yacy-Ara. **Ciência da Conservação ou Conservação Científica?** Hipóteses para uma reflexão. Disponível em: <http://www.festivaldearte.fafcs.ufu.br/2005/comunicacao-28.htm>. Acesso em: Dez. 2023.

GUAPINDAIA, Vera. **Projeto de salvamento arqueológico em Porto Trombetas**. Belém, MPEG, 2000. (Manusc. Inéd.).

GUAPINDAIA, Vera. **Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas**. São Paulo: USP, 2008

GUAPINDAIA, Vera; LOPES, Daniel. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 50-73, 2011.

GELL, Alfred. **A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia**. Revista Concinnitas, v.2, n. 8, 40-63, 2020.

HILBERT, Peter. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**. Belém: Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955. v. 9.

HILBERT, P. P.; HILBERT, K. **Resultados preliminares da pesqui-**

**sa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil, n. 75, 1980.**

ICOM. **Código da Ética.** O Conservador-restaurador: a definição da profissão. ICOM: Copenhague. 1984. 4 p.

LIMA, H.P.; MORAES, B.M. ; PARENTE, M.T.V. Tráfico de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. **Revista de Arqueologia Pública**, v.8, p. 61-77. 2013.

LIMA, H. P.; MORAES, B. M. Arqueologia e comunidades tradicionais na Amazônia. **Ciência e Cultura**, v. 2, p. 39-42, 2013.

LIMA, H. P. Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019. DOI: 10.18224/hab.v17i1.7086.

LIMA, M.; Silva, M. A.; LIMA, S. C.; CASSINO, M. F.; TAMANAHA, E. Desafios das práticas arqueológicas e da preservação: dinâmicas socioculturais sobre e nos entornos dos sítios arqueológicos na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, v.16, n.2. e20190153. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0153. (2021)

LOPES-ALVES, Marcony. Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, , janeiro-abril, p. 11-36, 2018.

LOPES-ALVES, Marcony. **Entre Konduri e Santarém:** o vaso de gargalo no Baixo Amazonas. 2016. 186 f. Monografia (Graduação

em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LOWIE, Robert. a floresta tropical: uma introdução. In: Steward, J. (ed.) Handbook of South American Indians, vol 3. Washington, DC: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Boletim, v.143, 1948. p. 1-56.

MARTINS, Cristiane Maria Pires. **Arqueologia do baixo Tapajós:** ocupação humana na periferia do domínio tapajônico. 2012. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2012.

MARTINS, Cristiane. **Sobre contatos e fronteiras:** um enfoque arqueológico. Universidades Federal do Pará, Revista Amazônica, 2012.

MARTINS, Luana da Conceição. **O ensino da conservação-restauração na formação do museólogo.** Rio de Janeiro, 2017.

MEGGERS, Betty Jane. **Amazônia:** a ilusão de um paraíso. [S.l]: Itatiaia, 1987.

MOUTINHO 2014. Museologia social. Cadernos **do CECOM.** Santa Catarina, 2014.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio:** oito mil anos de história da Amazônia Central (6.500 A.C - 1.500 D.C). Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2012.

NEVES, Eduardo Goes; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. **A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modi-**

**ficações de paisagens na calha do Amazonas.** Amazonía: memorias de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Tradução: Quito: Ministerio Coordinador de Conocimiento y Talento Humano e IKIAM, 2014. p. 137-158.

PEREIRA, Edithe. **Arte rupestre na Amazônia:** Pará. São Paulo: UNESP; Belém: MPEG, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: v.. 2, n. 3, 1989.

ROOSEVELT, A. Arqueologia Amazônica. In: CUNHA, Carneiro da. (org). **História dos Índios do Brasil**,. Companhia das Letras/ Fapesp/SMC, São Paulo, 1992. p. 53-86

SOUZA, D. C. S. de; Bianchezzi, C. Restos dos povos que já morreram: colecionismo de material arqueológico no Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha, Amazonas. **Revista Marupiara**, v.3, n. 4, p. 58 -79, 2018.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SUANO, Marlene. **O que é museus.** São Paulo: Brasiliense, 1986. Col. Primeiros Passos. 1986.

STEWART, James H. **Áreas de culturas areas of the tropical forest.** In: Stewart, J. (ed.) Handbook of South American Indians. vol. 3. Boletim 143. Bureau of American Ethnology. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1948. p. 883-903.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHUZONI, Vanilde Rohling. Conservação

preventiva de acervos Florianópolis, 2012. (Coleção Estudos Museológicos, v. 1).

TROUFFLARD, Joanna. O que dizem as coleções da relação entre moradores e vestígios arqueológicos na região de Santarém, Pará. In: SCHAAN, Denise P. (org.). **Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada:** pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém: GK Noronha, 2012. p. 57-72.

